

Os Deuses vendem  
quando dão: *história*  
*do cerco de Lisboa*  
(1989)

Salma Ferraz \*

Resumo

Neste artigo pretendemos abordar a relação dos deuses com os homens em *História do Cerco de Lisboa*, romance do escritor português José Saramago.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa; José Saramago; dos deuses e dos homens.

*"Talvez eu escreva, em parte, para preencher com outros sonhos o lugar esvaziado de Deus. Porque esse é, afinal, o lugar para se sonhar."*

Salman Rushdie

Em *História do Cerco de Lisboa*, publicado em 1989, o escritor José Saramago critica os deuses e suas tumultuadas relações com os seres humanos.

Neste artigo pretendemos analisar a relação de Deus e Alá com os homens. Determinamos não na verdadeira História do Cerco

\* Professora na Universidade Federal de Santa Catarina.

de Lisboa, não na outra recontada e reescrita por Raimundo, mas em outra história encaixada dentro dessas duas - a história de um conflito particular entre Jeová e Alá, numa revelação de mais uma faceta do caleidoscópio profano que é a obra romanceada de Saramago.

Atualmente existem no mundo cerca de nove grandes religiões e o Cristianismo, cujo nome vem de Cristo, é a maior delas com cerca de 2 bilhões de adeptos. Aceitam a Cristo como o Messias e Salvador prometido aos judeus. Dividem-se entre católicos, protestantes históricos e evangélicos que subdividem-se em centenas de denominações.

O Islamismo, também denominado de Maometismo ou Muçulmanismo, conta com cerca de 1 bilhão de seguidores, principalmente na África e na Ásia, constituindo a segunda maior religião do planeta depois do cristianismo.

Interessante notarmos que *Alá* se relaciona etimologicamente com a palavra hebraica *El*, que é usada para nomear o Deus dos hebreus. Portanto, Alá e Jeová são nomes diferentes para nomear a mesma entidade.

O enredo do livro gira em torno da retomada de Lisboa em 1147 - século XII. Nesta época, Portugal ainda vivia sob a influência de Castela, e algumas cidades do país, entre elas Lisboa, ainda estavam sob dominação dos mouros, portanto a soberania lusitana permanecia ameaçada.

O livro começa com a oração do Almuadem que é cego e profere, voltado para Meca, a oração que se constitui num dos cinco pilares da religião muçulmana: "...tomando o mundo por testemunha de que não há outro Deus senão Alá, e que Maomé é o enviado de Alá, e tendo dito estas verdades essenciais chama à oração..." (HDCL, 1996, p. 19)

Quando o narrador, em mais uma de suas digressões, discute as relações entre História e Literatura, não deixa de tocar no divino: "... impressão única que faz pensar se a desacreditada criação divina não será, afinal, para humilhação de cépticos e ateus, um irônico facto da história." (HDCL, 1996, p. 18)

A tão desacreditada criação divina, se é que realmente aconteceu, segundo o narrador foi apenas para humilhação de cépticos e ateus, e não passaria, afinal, de um irônico fato da história. Ao relatar o milagre de Ourique, quando Cristo apareceu ao rei português, segundo o relato, o rei teria respondido assim:

*Aos infiéis, Senhor, aos infiéis, e não a mim que creio o que podeis, mas Cristo não quis aparecer aos mouros, e foi pena, que em vez da cruelíssima batalha poderíamos, hoje, registrar nestes anais a conversão maravilhosa dos cento e cinquenta mil bárbaros que afinal ali perderam a vida, um desperdício de almas de bradar aos céus. É assim, nem tudo se pode evitar, **nunca a Deus faltávamos com os nossos bons conselhos.***(HDCL, p. 20, negrito nosso)

Maior milagre que o fato dos portugueses vencerem a batalha e Cristo ter aparecido ao monarca português, seria o aparecimento do Filho de Deus aos mouros e então, ao invés da matança dos bárbaros, teríamos o milagre da conversão desses ao cristianismo, almas desperdiçadas e que seriam aproveitadas. Parece que não interessa muito a Cristo e seu Pai o destino dos homens. E o narrador encerra o relato com a sua magistral ironia: *nunca a Deus faltávamos com os nossos bons conselhos*. Se Deus se aconselhasse mais com os homens e acabasse por ouvi-los, quantas desgraças seriam evitadas? Mas Deus despreza o conselho dos homens. As criaturas são mais

sábias que o criador, os papéis se invertem – Deus, em vez de conselheiro, é Aquele que deve ser aconselhado. É Jack Miles que, em sua obra *Deus – uma Biografia*, analisando a biografia do mais antigo protagonista da Bíblia, afirma: “É estranho dizer isso, mas Deus não é nenhum santo.” (MILES, 1997, p. 17)

Logo após ironizar a criação, o narrador volta a questionar outro episódio importante dentro do cristianismo: a queda dos chamados anjos rebeldes, registrado nos livros de Gênesis e Apocalipse:

*... porque, **assim como há milagres para o bem, também os tem havido para o mal**, testemunhem-no aqueles infelizes porcos da Escritura que se lançaram ao precipício quando o **Bom Jesus** lhes meteu no corpo os mafarricos que no endemoninhado estavam, de que resultou padecerem martírio os inocentes animais, e só eles, pois muito maior tinha sido a queda dos anjos rebeldes, logo feitos demônios, quando do motim, e, que se saiba, não morreu nenhum, como que não se pode perdoar a imprevidência de Deus Nosso Senhor que com essa desatenção deixou fugir a oportunidade de lhes acabar com a raça por uma vez, de bom conselho é o provérbio que previne, Quem os seus inimigo poupa, às mãos lhe morre, oxalá não venha Deus a ter de arrepender-se um dia tarde de mais.* (HDCL, 1996, p. 21/22, negrito nosso)

O que ao autor implícito critica por meio de sua ironia mordaz é “a impotência e a ignorância humanas, ante a injustiça e impotência divinas” (LOPES, 1999, p.66). Sempre quando ouvimos a palavra milagre, relacionamos o evento com coisas boas. Não é isto o que pensa o narrador de *História do cerco de Lisboa*. Para ele, há milagres benignos e milagres malignos, o que de imediato parece uma contradição. Antes de entrar no mérito da discussão da queda dos anjos, o autor estabelece uma analogia entre a queda desses e a queda dos porcos no precipício relatada nos *Evangelhos*. O episódio relativo aos porcos está relatado em São Marcos 5:1-13. Ali o evangelista narra a maneira fabulosa como Cristo expulsou uma legião de demônios que habitavam o corpo de um homem que não tem nome, apenas é conhecido como o *endemoninhado gadareno*. Mas os demônios solicitam que não querem ser expulsos para longe dali. Cristo, ao qual o autor ironicamente denomina de *Bom Jesus*, atende à solicitação dos demônios e os expulsa para uma manada de porcos que pastavam inocentemente por ali. Os porcos se precipitam no despenhadeiro e morrem afogados – somente os porcos – porque espíritos não se afogam. Ou seja, aqui o milagre é no mínimo estranho, ou ficou pela metade, já que os demônios continuaram vivos e dois mil porcos morreram inutilmente. O problema da queda dos anjos chamados *caídos* é muito mais complicado e abrangente. Os anjos, seres perfeitos criados por Deus, após a rebelião, transformam-se em demônios e são expulsos dos céus. Deus, através de um milagre de Cristo, matou os porcos, mas no episódio do Gênesis, expulsa os anjos caídos e não os mata. Ao deixá-los vivos Deus foi extremamente desatento. Se Lúcifer, que era o líder da rebelião, tivesse sido destruído juntamente com seus súditos, Adão e Eva não teriam sido tentados, não teriam caído e todas as desgraças futuras a que os homens estariam sujeitos teriam sido evitadas. O narrador declara que, por desatenção de um milagre efetivado pela metade, um ato falho divino – não ter destruído de imediato a raça dos anjos caídos (os demônios) – os homens pagaram o preço dessa distração, e pagaram um preço altíssimo, com juros exorbitantes. Arremata sua crítica feroz à desatenção e incoerência de Deus da seguinte forma:

*Ainda assim, se nesse fatal instante tiver tempo de recordar a sua vida passada, esperemos que se lhe faça luz no espírito e possa compreender que nos deveria ter poupado, a todos nós, frágeis porcos e humanos, aqueles vícios, pecados e sofrimentos de insatisfação que são, diz-se, a obra e a marca do maligno. Entre martelo e a bigorna somos um ferro em brasa que de tanto lhe baterem se apaga.*  
*De história sacra, por agora, temos que nos chegue.* (HDCL, 1996, p. 22, negrito nosso)

Se Deus um dia vier a ser destruído, não será culpa dos inocentes seres humanos, pois *Quem o seu inimigo poupa, às mãos lhe morre*. O narrador não se preocupa com a hipótese de Deus ser destruído pelos demônios que poupou no passado. Sua preocupação se volta para o homem e anseia que, no momento final, Deus tenha consciência da sua inseqüência, porque todos os pecados e sofrimentos são marcas do maligno, maligno que Ele não destruiu. E a marca de um humanista radical já se faz presente no texto. Interessante que, mesmo ateu, aqui o autor se inclui, como homem, ao usar a primeira pessoa do plural – *somos*.

No final do parágrafo enuncia – *De história sacra, por agora, temos que nos chegue*. Logo na página seguinte e por todo o restante do livro, bem como de outros romances de sua autoria, voltará a debater os caminhos dos homens seguidores ou de Jeová ou de Alá: “... é que Deus e Alá possam ler nos corações e não levem a mal que, por ignorância, lhes voltamos as costas, e quando dizemos ignorância tanto pode ser a nossa como a deles, que nem sempre estão onde se comprometeram a estar.” (HDCL, 1996, p. 24)

Aqui sua crítica se estende também a Alá, que é o nome de Deus para os muçulmanos, na realidade, o mesmo Deus visto por outro prisma e por outros conceitos. Por detrás desse “*narrador de superfície*”, que se submete ao seu criador, percebemos a forte presença do autor implícito, “uma segunda atuação narrante - cuja personalidade se impõe no decorrer da narrativa e a encaminha de acordo com intenções de ordem ideológica e artística” (LOPEZ, 1999, p. 61) O narrador aqui iguala o Deus dos cristãos ao deus dos muçulmanos (Alá), colocando-os numa mesma posição – nada privilegiada – uma vez que eles não devem levar a mal se os homens e aqui o narrador se inclui novamente, lhes voltarem as costas.

A história sacra jamais bastou, nem bastará a Saramago, pois sempre bebeu nessa fonte inesgotável de questionamentos e interrogações (cf. CERDEIRA, 1989). Isto pode ser constatado já a partir do seu primeiro romance – *Terra do Pecado*. Para o autor, Deus é um desatento e inseqüente, que quando acerta, acerta por incidente e os homens são suas frágeis criaturas, semelhantes a Ele, porém, muito distantes d’Ele. Os homens são os que O aconselham, são os que intervêm, dentro do que é possível e repõem um pouco de sentido em algo eternamente caótico e bagunçado que é a vida dos seres humanos dentro da perspectiva do cristianismo.

Na *História do Cerco de Lisboa* temos alguns fios narrativos: a verdadeira História do cerco de Lisboa, conforme o relato dos livros históricos; a outra história, a nova História do cerco de Lisboa (CERDEIRA, 1989, p. 87), reescrita pelo já não mais revisor, mas autor/historiador/ficcionista – Raimundo Silva; a que poderia ter sido e não foi, o romance entre Raimundo e Maria Sara; e, permeando tudo isso, como um fio narrativo definido em todo romance, o relato da história das guerras religiosas, aqui especificamente entre os seguidores de Alá e os seguidores Jeová.

Saramago ficcionista cria um personagem – Raimundo Silva – e permite que ele também se torne autor de outra história. O revisor é um escritor criado por Saramago, espécie de seu alter-ego, quase que um heterônimo à moda pessoana.

O revisor Raimundo decide deliberadamente colocar um **não** no livro que revisa e que narra a História do cerco de Lisboa, uma negativa que muda a História das Cruzadas. É Broering que corrobora nossa idéia:

*José Saramago com sua escrita pós-moderna provoca a dúvida e estimula o pensamento através da negação. Se a História afirma os fatos da tomada de Lisboa aos Mouros no ano de 1147, a ficção propõe um encontro amoroso na Lisboa contemporânea e, **assim, ficção e História se misturam e formam um novo uno: A obra. Uma palavra - Não - é a base do conflito que constrói o livro sob a forma de recriação.*** (BROERING, 1999, p.1, negrito nosso)

O revisor emenda um texto alheio, recria o criado, e o autor Saramago recria um outro texto. Se o revisor emenda um texto alheio, o autor em seus livros também emenda um texto alheio – a Bíblia – e modifica o perfil de seu mais antigo protagonista – Deus – colocando, a exemplo do revisor Raimundo, um **não** no lugar do **sim**. Raimundo Silva recria a história dos portugueses e Saramago recria a história do cristianismo nesta e em várias outras obras de sua autoria, como *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Memorial do Convento*.

Seria Raimundo um alter-ego de Saramago, que foi capaz não somente de tentar reescrever essa história, mas a História do cristianismo? Broering afirma que o revisor cansado deste ofício reescreve a História pelo prisma da negação, transformando-se em ficcionista, em um arquiteto de palavra. É Calbocci quem assevera que as duas narrativas – a de Raimundo e a de Saramago – misturam-se criando um discurso polifônico, de vozes diferentes, que pouco a pouco chegam aos limites da criação ficcional. (CALBUCCI, 1999, p. 16) Se relembarmos que o mundo foi criado através da palavra, podemos afirmar que Raimundo quer ser o criador, quer ser Deus. O revisor é um transgressor que só na transgressão enxerga a saída para o homem alcançar a liberdade, já que “a verdade literária não se situa em sua exatidão histórica, mas na busca e compreensão do sentido da vida e do homem” (MANZATTO, 1994, p. 26). Observemos a quais regras o revisor Raimundo está sujeito ao reescrever a nova História do cerco de Lisboa: “*Mas Raimundo Silva não emendará, o uso faz alguma lei, quando não fez toda, e, acima de tudo, **primeiro mandamento do decálogo do revisor** que aspire à santidade, aos autores deve-se evitar sempre o peso de vexações.* (HDCL, 1996, p. 36, negrito nosso)”

Interessante observarmos que o revisor da história do cerco de Lisboa trabalha em seu ofício, pautando-se por uma espécie de decálogo do revisor e ainda pautado pelo código deontológico. O revisor, para boa realização de seu ofício, possui uma espécie de Dez Mandamentos da Revisão. Se lembrarmos que os Dez Mandamentos, segundo relato de Êxodo 20, foi escrito por Deus, que depois o entregou a Moisés, poderemos estabelecer a seguinte relação:

**DEZ MANDAMENTOS  
DEZ MANDAMENTOS**

**DEUS  
DECÁLOGO DO REVISOR  
RAIMUNDO**

Raimundo não fará pequenas revisões no texto principal, afinal são apenas detalhes que não alteram o conteúdo, mas negará o episódio central do livro que está a corrigir e o “não” acrescentado no texto será o ato mais importante de toda a sua vida. Não ousará apenas opinar sobre o texto central, mas colocará uma negativa que mudará completamente o desenrolar da trama, o que de certa forma o transforma de revisor em autor:

*É a visão de quem escreve que faz a História acontecer. Quem escreve interfere no valor da verdade e da informação. Raimundo diante dos ‘buracos da História’ escreve outra e tenta torná-la verossímil, ou seja, a partir do momento em que houve a negação do fato, tudo se modifica e o revisor passa a se sentir poderoso, um escritor ou, mais que isso, um autor.*(MANZATTO, 1994, p. 2, negrito nosso)

Não nos cabe aqui discutir as diversas relações entre História e Literatura na obra do autor português. Mas Saramago afirma que as ficções “fazem-se todas com uma continuada dúvida”. Para ele, “a História é parcial e é parcelar” (REIS, 1998, p. 79), ou seja, o escritor entende a ficção como eventual correção ou compensação da História - reinvenção e reinterpretação dela. Para o autor “a única verdade absoluta é que toda ela é relativa”(REIS, 1998, p. 86) e a literatura é também, a sua maneira, uma versão da História. O narrador questiona, através da atitude do revisor, o poder da palavra:

*Os revisores, se pudessem, se não estivessem atados de pés e mãos por um conjunto de proibições mais impositivo que o código penal, saberiam mudar a face do mundo, implantar o reino da felicidade universal, dando de beber a quem tem sede, de comer a quem tem fome, paz aos que vivem agitados, alegria aos tristes, companhia aos solitários, esperança a quem a tinha perdida, para não falar da fácil liquidação das misérias e dos crimes, porque tudo eles fariam pela simples mudança das palavras, e se alguém tem dúvidas sobre estas novas demiurgias não tem mais que lembrar-se de que assim mesmo foi o mundo feito e feito o homem, com palavras, umas e não outras, para que assim ficasse e não doutra maneira. Faça-se, disse Deus, e imediatamente apareceu feito.* (HDCL,1996, p. 50, negrito nosso)

Observamos que o narrador outorga aos revisores uma espécie de catálogo das “bem-aventuranças”, pelas quais os revisores “saberiam mudar a face do mundo”. Mas, principalmente, outorga aos revisores características divinas como possuidores de um “código deontológico” e de “novas demiurgias.” O revisor, ao reorganizar o mundo através da palavra, mesmo que negativa, é aquele que recria o universo e toda a matéria pré-existente - *demiurgo* - como também é aquele que possui os verdadeiros princípios e fundamentos da moral - deontologia. Se Deus instaurou o mundo através da palavra e através dela fez todas as coisas, ao revisor cabe refazer e repensar as coisas realizadas pelo autor da verdadeira história do cerco de Lisboa, remendando o mundo existente, afinal “o ofício de revisor pertence ao reino da liberdade” (HDCL, 1996, p. 77). O revisor poderia, assim, livremente atentar contra os fatos históricos. Ou seja, o revisor possui três características básicas da divindade: **demiurgia, deontologia e livre arbítrio**, a suprema liberdade de poder dizer não.

Há uma luta na narrativa central do livro: a luta entre o campeão angélico (os cristãos) e o campeão demoníaco (os muçulmanos), afinal os seres humanos sempre estiveram divididos entre o bem e o mal, incluindo neste ponto os próprios revisores,

que possuem um pouco de médico e de monstro dentro de si: "... assistimos a mais uma luta entre o campeão angélico e o campeão demoníaco, esses dois de que estão compostas e em que se dividem as criaturas, **referimo-nos às humanas, sem exclusão dos revisores**". (HDCL, 1996, p. 49, negrito nosso).

O revisor deve reconhecer o seu lugar, respeitar o texto, já que o escritor não apreciaria tal intromissão: "Para o revisor que conhece o seu lugar, o autor, como tal, é infalível. Sabe-se, por exemplo, que o revisor de Nietzsche, sendo embora fervoroso crente, resistiu à tentação de introduzir, também, ele, a palavra Não numa certa página, transformando em **Deus não morreu o Deus está morto** do filósofo." (HDCL, 1996, p. 50, negrito nosso).

O próprio narrador explicita a relação entre a figura do revisor e o sagrado, ao mencionar acima a confusão que teria ocorrido se o revisor da obra de Nietzsche tivesse colocado também um **não** na frase famosa do filósofo: *Deus está morto*.

O narrador começa por espalhar o seu **não** à figura central do Velho Testamento:

*... como a prova pela contingência do mundo de Leibniz ou a prova cosmológica de Kant, com o que em cheio nos encontraríamos a perguntar a Deus se existe realmente ou se tem andado a confundir-nos com vaguidades indignas de um ser superior que tudo deveria fazer e dizer muito pelo claro...* (HDCL, 1996, p. 120, negrito nosso).

*... duvidando-se em todo o caso se sob o olhar do Deus dos cristãos ou do Alá dos mouros, se é que não estariam juntos a gozar do espetáculo e a combinar apostas.*  
(HDCL, 1996, p. 127, negrito nosso).

Os deuses, o dos cristãos portugueses (Jeová) e o dos mouros (Alá) presenciam a batalha que se está armando e, segundo o narrador, poderiam até gozar do espetáculo e combinar apostas, enquanto os portugueses e muçulmanos se engalfinham na disputa por Lisboa, tudo em nome da fé.

A ironia do narrador é suprema, pois ele diz que Deus não é justo, já que considera alguns dos seus eleitos legítimos e outros enteados, além de alguns filhos bastardos. Os filhos legítimos são descendentes da promessa feita a Abraão e Sara (os cristãos católicos) e os enteados e bastardos são descendentes de Abraão e Agar (os muçulmanos). Ambas as religiões esquecem-se de um detalhe: Deus e Alá são os mesmos, são apenas nomes diferentes para o mesmo Deus.

É Berrini quem afirma que, na narrativa da luta entre mouros e cristãos, efetivada por Raimundo Silva, "percebe-se nos exemplos um tipo de linguagem trágica, solene, sombria, própria de acontecimentos catastróficos, **que bem poderiam ser qualificados biblicamente de apocalípticos**, no sentido mais recente da palavra". (BERRINI, 1998, p. 112, negrito nosso)

A invasão de Lisboa pelos portugueses, ou a retomada da cidade, é comparada pelo narrador à tomada de Jericó, na qual as muralhas foram derrubadas por Josué somente pelo uso da fé, sem guerra. Portanto, nessa retomada de Lisboa pelos portugueses e cruzados havia um sentido religioso que permeava tudo. O narrador condena a derrubada dos muros de Jericó, bem como a luta entre mouros e católicos, uma vez que essas batalhas sangrentas são realizadas *Em nome de Deus*.

*Que tomassem os portugueses Santarém com uma escada de mão, não duvidamos, ajudando Deus, como soberanamente o fez ao permitir que se derrubassem as muralhas de Jericó ao toque dumas trombetas, que nem sequer ao menos as tocaram sete guerreiros mas sete sacerdotes, e também não é causa de maior assombro terem os portugueses causado morticínio tal, se na mesma cidade de Jericó, foram mortos, além dos homens, das mulheres, das crianças e dos velhos, foram mortos, digo, os bois, as ovelhas e os jumentos, o que sim a nós nos faz espécie é comprometer homem, **ainda que rei, o nome do Senhor, cuja vontade, bem sabemos, só se manifesta onde e quando quer, não bastando pedir, rogar, suplicar, importunar, e sobre a questão dos filhos e enteados não me pronuncio.***

(HDCL, 1996, p. 141, negrito nosso).

Para o narrador, são inocentes tanto os que estavam dentro das muralhas de Jericó como os que estavam dentro dos muros de Lisboa, sendo estes os que estão atrás das muralhas e do muro, os enteados, os filhos bastardos de Deus, os preteridos por Ele, enquanto os judeus que estavam do lado de fora das muralhas de Jericó e os portugueses que estavam do outro lado dos muros de Lisboa, os verdadeiros filhos legítimos, os preferidos, e a eles é dada toda a vitória. A vontade de Deus só se manifesta por livre e espontânea vontade Dele e de mais ninguém, sendo todas as preces e súplicas totalmente em vão. A justiça de Deus, quando Ele quer, atinge indiscriminadamente e aleatoriamente crianças, velhos, mulheres e até animais.

E o narrador sugere ironicamente que talvez Deus devesse obrar outro milagre, igualmente ao episódio da derrubada dos muros de Jericó, aparecendo diante dos muros de Lisboa. Desta forma os portugueses poderiam testemunhar o poder e a majestade de Deus, sem necessidade de tantas mortes.

No relato, o revisor Raimundo nos informa que D. Afonso Henriques lia na Bíblia o episódio da vitória de Gideão, que, com trezentos soldados, lutava contra os quatro reis medianistas e seus exércitos. O herói do Velho Testamento era um filho legítimo de Deus, assim como o era D. Afonso Henriques e a nação na qual reinava: Portugal. O rei D. Afonso Henriques, agora igualado a Gideão, eleva aos céus sua prece:

*“Bem sabeis vós, meu Senhor Jesus Cristo, **que por vosso serviço e para exaltação de vosso santo nome, empreendi eu esta guerra contra vossos inimigos: vós, que sois todo-poderoso, me ajudai nela, animai e dai esforço a meus soldados, para que os vençamos, pois são blasfemadores de vosso santíssimo nome.**” (HDCL, 1996, p. 146, negrito nosso)*

Tal como Gideão e seus trezentos guerreiros, o rei roga a Deus pela vitória contra os mouros, uma vez que essa guerra se realiza em seu nome, contra os seus inimigos, contra aqueles que blasfemam contra seu santíssimo nome. É uma guerra *em nome de Deus*, uma guerra santa, na qual o rei, tal como Gideão, deveria sair vitorioso e humilhar os inimigos, pois eram filhos legítimos e privilegiados e seriam favorecidos por Deus. O infante D. Afonso tem um sonho e nele vê um velho de venerável presença que lhe dava boas novas. Ao acordar é informado de que alguém lhe pedia uma audiência e eis que, para sua surpresa, o velho era o mesmo de seus sonhos:

*O bom velho repetiu ao infante as mesmas palavras que em sonho tinha ouvido, e certificando-o da vitória e aparecimento de Cristo, acrescentou que tivesse muita confiança em o **Senhor por ser dele amado, e que nele, e em seus***



*descendentes, tinha posto os olhos de sua misericórdia até à décima geração, em que se atenuaria a descendência, mas nela ainda nesse estado poria o Senhor os olhos, e haveria.* (HDCL, 1996, p. 147, negrito nosso)

A promessa feita ao rei português é a mesma feita aos antigos patriarcas hebreus. O velho diz ao rei que na noite seguinte, quando ele ouvisse tocar o sino, deveria sair para o campo, “porque lhe queria Deus mostrar a grandeza de sua misericórdia.” O rei segue a instruções e então ocorre o milagre de Ourique, em que o próprio Cristo aparece ao rei Afonso Henriques, conforme relato na página 148.

O milagre está para acontecer, o espaço se torna sagrado e o sagrado se manifesta numa hierofania. O Rei aqui tem um comportamento de fé extremado, digno de um verdadeiro Moisés. Cristo fala diretamente com o rei português como falava face a face com os antigos patriarcas bíblicos:

*Não te apareci deste modo para acrescentar tua fé, mas para fortalecer teu coração, nesta empresa, e fundar os princípios do teu Reino em pedra firmíssima. Tem confiança, porque, não só vencerás esta batalha, mas todas as mais que deres aos inimigos da Fé católica. Tua gente acharás pronta para a guerra, e com grande ânimo pedir-te-á que com título de rei comeces esta batalha; não duvides de o aceitar, mas concede livremente a petição **porque eu sou o fundador e destruidor dos Impérios do mundo**, e em ti e tua geração quero fundar para mim um reino, por cuja indústria será meu nome notificado a gentes estranhas. E porque teus descendentes conheçam de cuja mão recebem o reino, comprarás as tuas armas ao preço com que comprei o género humano, o daquele por que fui comprado dos judeus, e ficará este reino santificado, amando de mim pela pureza da Fé e excelência da piedade.* (HDCL, 1996, p. 148, negrito nosso)

Novamente o discurso literário assume um tom teológico, uma das características desse romance. Uma missão sagrada é depositada nas mãos do rei que governa uma nação escolhida, tal como fora o povo judeu. O rei em transe, num estado genuíno de pura fé, prostrado em terra, como convinha a um patriarca bíblico, questiona Deus sobre a piedade manifestada para ele:

*Mas já que assim é, podem os olhos de vossa misericórdia, conservai livre de perigos a gente portuguesa, e, se contra ela tendes algum castigo ordenado, peço-vos o deis antes a mim e a meus descendentes, e fique salvo este povo, a quem amo como único filho. A tudo deu o Senhor resposta favorável, dizendo como nunca dele, nem dos seus, apartaria os olhos de a sua misericórdia, porque os tinha escolhido por seus obreiros e segadores, para lhe ajuntarem grande seara em regiões apartadas.* (HDCL, 1996, p. 148-149)

O Rei português toma atitude semelhante àquela tomada por Davi, outro filho legítimo de Deus, pois quer que seus pecados recaiam sobre sua própria cabeça e não sobre o povo, quer se sacrificar pelo seu povo – português – , como se o povo fosse seu único filho. Assim ocorre o prodígio obrado por Cristo ao rei Português ao sul de Castro Verde, em sítio chamado Ourique, província de Alentejo. O Rei português é elevado à categoria de um novo *Messias* e, os portugueses, à categoria de povo escolhido por Deus, uma espécie de novos hebreus, e a Portugal é delegada uma nova missão: levar o evangelho a terras e povos desconhecidos.

No entanto, os muçulmanos não se sentem rejeitados por Jeová, porque não o conhecem e porque eles são os escolhidos de Alá. O narrador, que é condescendente

com os seguidores de Alá, demonstra uma certa simpatia pelos mouros, mostra o outro lado da moeda:

*... que Alá se apiede das suas e apesar disso desgraçadas criaturas, p. 63.*

*... salvos também pela vontade de Alá, Ele, o Mais Alto, o Misericordioso, o Incrariado, O Vivente, o Confortador, o Clemente, pela graça de Quem nos emos libertado da ameaça pavorosa daqueles cães que estão saindo da barra, cruzados são e atravessados sejam, com eles possa morrer e cair no esquecimento a beleza de sua saída, e que Malik, o guardião do inferno, os tenha para sempre e castigue. (HDCL, 1996, p. 178)*

Para Deus, segundo o narrador, o bem e o mal não passam de meras eventualidades, são indiferentes. Embora afirme que não vai navegar pelos “torcidos meandros” do pensamento e das decisões divinas, é justamente isto que o narrador está fazendo durante todo o romance.

Enquanto Raimundo reescreve a História que poderia ter sido, transformando-se de revisor em autor, a arrumadeira faz seu serviço. O narrador, referindo-se a essa personagem secundária, informa que ela “provavelmente **tem na sua idéia que escrever ou emendar o que foi escrito é obra de religião.**” (HDCL, 1996, p. 158, negrito nosso). Com palavras se faz literatura, com palavras se efetivou a criação (*E disse Deus: Haja luz. E houve luz. Gên. 1:3*), com palavras se faz religião e se faz teologia. O revisor Raimundo está justamente fazendo isto: primeiro emenda o texto de outro autor com um taxativo *não*, depois resolve (re)escrever a história que poderia ter ocorrido. Desta forma, o revisor está professando uma obra, uma verdadeira religião.

O autor implícito permite que o revisor coloque um “nã” na História do cerco de Lisboa, uma história que, afinal, não é sua. Em vários de seus romances o autor implícito coloca um “nã” numa outra história que também não é sua, mas na qual ele, bem como todos nós seres humanos, estamos incluídos. Coloca um *nã* na história do cristianismo, mudando a feição de suas boas novas. Esse *nã* é um *nã* dado a Deus, e por outro lado espalha um abundante “sim” em seus livros para os humanos cansados dos deuses. Os homens vivem e morrem em sua ingenuidade, são portadores de erros pelos quais não são responsáveis. Essa é a boa nova anunciada por Saramago em suas obras, em sua escritura humanizadora.

Seria o *nã* do revisor Raimundo uma metáfora para o *nã* de Saramago ao Cristianismo? Seria Saramago o revisor da mais conhecida história do ocidente, tentando através do seu **nã** nesse e em outros romances, como *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Memorial do Convento*, revelar a face oculta de Jeová? Espalhariá ele esse seu **nã** por diversos romances de sua autoria, utilizando para isso as mais diversas metáforas? Ou pior do que um *nã*, talvez o autor revise os *Evangelhos*, mas não para colocar um taxativo *nã*, e sim, um “talvez”, uma dúvida, uma sedutora especulação e é justamente essa dúvida que minará o verdadeiro sentido dos *Evangelhos*, do Cristianismo e especificamente o caráter do Deus dos cristãos.

Para Saramago todos deuses, incluindo Alá e Jeová, não dão nada de graça a ninguém, pelo contrário, eles vendem quando dão... por um preço altíssimo, com juros e correção monetária.

## Abstract

This work intends to approach the relations between gods and men in José Saramago's novel *História do cerco de Lisboa*.

**Keywords:** Portuguese Literature; José Saramago; On gods and men

## Notas

- <sup>1</sup> A partir desta nota será utilizada a abreviatura (HDCL) para designar o livro.
- <sup>2</sup> Sobre esse aspecto consultar *Sobre o Conceito de História* de Walter Benjamin.
- <sup>3</sup> Heloísa, no filme *Em Nome de Deus*, também faz esta mesma análise e conclui que animais inocentes morreram por causa de um milagre de Cristo.
- <sup>4</sup> Sobre a questão dos imprecisos limites entre história e ficção na obra de Saramago e a maneira como o autor trabalha esse tópico, consultar o livro *José Saramago - entre a história e a ficção - uma saga de portugueses*.
- <sup>5</sup> Em entrevista a Carlos Reis, Saramago afirma que "a História não só é parcial como é parcelar.[...] por que é que a literatura não há de ter também a sua própria versão da História?"
- <sup>6</sup> "Será possível? Esse santo ancião não ouviu em sua floresta que *Deus morreu!*" Nietzsche In: *Assim falou Zaratustra*. Sobre a dimensão dessa frase e do pensamento do filósofo sobre o cristianismo, sobre a morte do Deus cristão (*Der christliche Gott ist tot*) e a morte da fé-judaico-cristã, consultar o livro: *Assim falava Zaratustra*, traduzido e comentado detalhadamente por Mário Ferreira dos Santos pela Editora Logos em 1956. A reedição dessa obra deve ser publicada esse ano pela Editora Cone Sul.
- <sup>7</sup> Esse episódio nos faz lembrar o Imperador romano Constantino que num sonho viu uma cruz e as palavras - *Com esse sinal vencerás*. Abraçou o cristianismo e venceu, e o cristianismo passou a ser a religião oficial do Império Romano.

## Referências Bibliográficas

- AMORIM, Orlando Nunes de Amorim. *A história do Cerco de Lisboa e o Estatuto do narrador* em José Saramago. *Letras & Letras*. Uberlândia: Ed. da Univ. Federal de Uberlândia, v. 10, n.1/2, p 125-136, jan./dez 1994.
- BERRINI, Beatriz. *Ler Saramago: o romance*. Lisboa: Caminho, 1998.
- BROERING, Roseli. Trabalho de conclusão de curso - *História do Cerco de Lisboa* - Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- CADERNOS CESPUC DE PESQUISA - *José Saramago - Um Nobel para as Literaturas de Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: Ed. da PUC, Pontífica Universidade Católica de Minas Gerais, Série Ensaios - n. 4, Janeiro de 1999, p. 1-72.
- CALBUCCI, Eduardo. *Saramago - um roteiro para os romances*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.
- CERDEIRA, Tereza Cristina. *José Saramago - entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- DADOUN, Roger. *A violência - Ensaio acerca do "homo violens"*. Trad. Pilar Ferreira de Carvalho. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras. 1998.

- DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado*. São Paulo: Ática, 1978.
- FERRAZ, Salma. *As Faces de Deus na obra de um Ateu*. Juiz de Fora: EUFIF & Blumenau: Furb, 2004.
- KUSCHEL, Karl Josef. *Os escritores e as escrituras*. Retratos Teológicos Literários. Trad. Paulo Astor Soethe et alii. São Paulo: Loyola, 1999.
- LOPES, Vera. História do cerco de Lisboa: uma leitura anárquica da História. *Cadernos de Pesquisa do CESPUC - José Saramago: um nobel para as literaturas de língua portuguesa - Série Ensaio*, 4, p. 61-70, jan. 1999.
- MACHADO, Cassiano Elek. "Cerco" evidencia "nãos" de Saramago. In: *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 28 de junho de 2003, p. B5.
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura - reflexões teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MILES, Jack. *Deus - uma Biografia*. 3ª reimp. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- REIS, Carlos. *Diálogos com Saramago*. Lisboa: Caminho, 1998.
- SARAMAGO, José. *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SARAMAGO, José. História e ficção. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa, 17-20, 6-12 de março de 1990.
- SARAMAGO, José. O autor como narrador. *Revista Cult*. São Paulo: Lemos Editorial, p. 25-27, dez 1998.